

O ESTADO DE S. PAULO

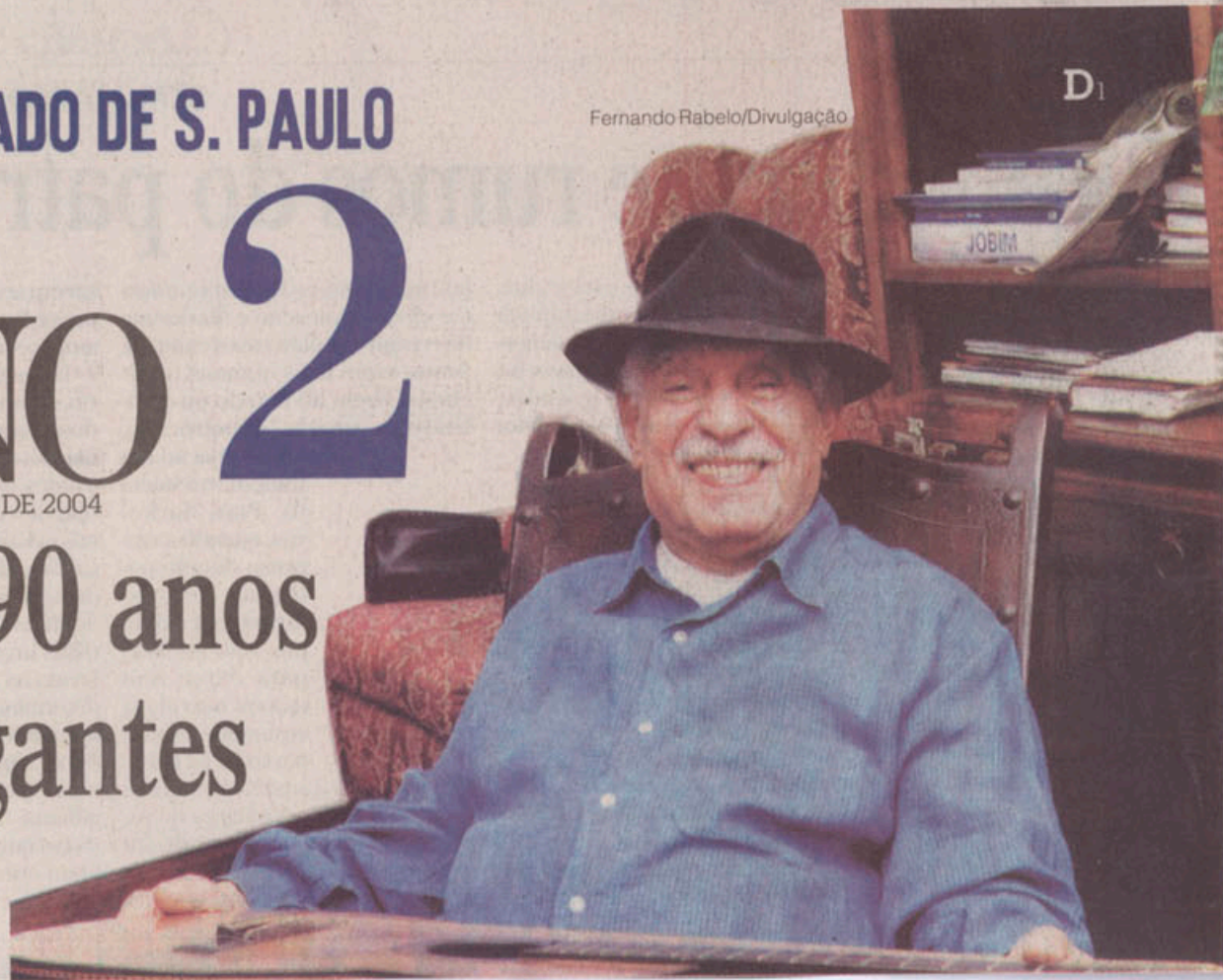
CADERNO 2

ANO XIV NÚMERO 6.101 □ SEXTA-FEIRA, 30 DE ABRIL DE 2004

Dia de festa no mar: 90 anos do senhor dos navegantes

Dorival Caymmi (foto), que faz aniversário hoje, fala ao 'Estado' sobre família, vida e obra. Grandes nomes da MPB, como Chico, Caetano, Gal e Bethânia, comentam nesta edição a importância do baiano no cenário artístico nacional. Págs. 6 e 7

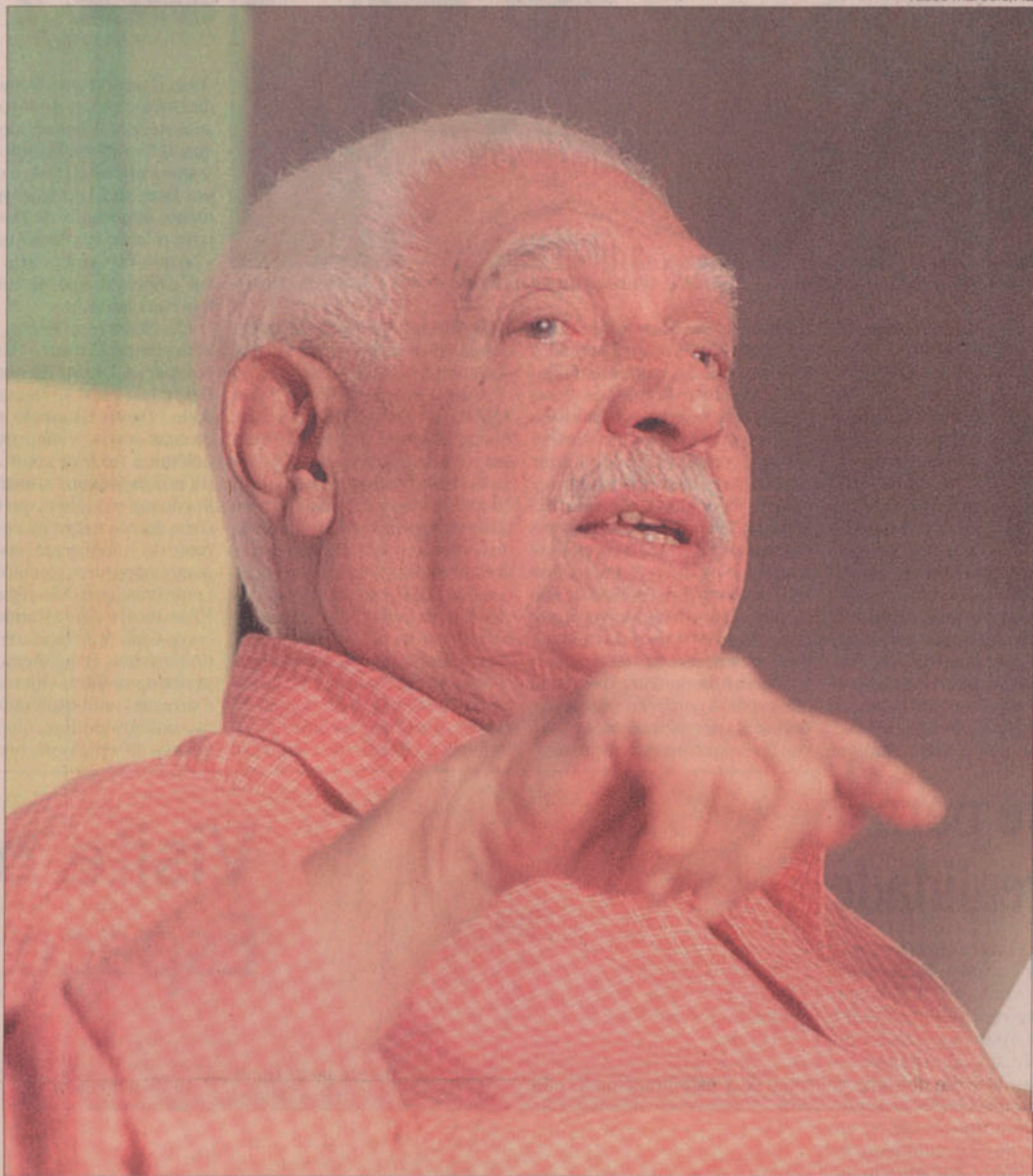
Fernando Rabelo/Divulgação



"NÃO PEDI PRESENTES, MAS ACEITO UMA FLOR"

O compositor pretende estar na homenagem comandada por Nana, Dori e Danilo, no Canecão, hoje, quando será apresentado o repertório do CD que eles lançaram no mês passado, só com músicas do pai: "É uma aventura ter os três juntos no Brasil, no dia do meu aniversário"

Tasso Marcelo/AE



"Não sou rigoroso nem fico elogiando tudo e todos; digo o que sinto de verdade e esse disco me deixou feliz"

BEATRIZ COELHO SILVA

RIO - Se você quiser homenagear o compositor Dorival Caymmi hoje, dia em que ele completa 90 anos, saia cantando *Acalanto*, a canção de ninar que ele fez para a recém-nascida Nana, sua filha. "Fiz essa música quando ela era pequena, ficava no colo da mãe, a minha Stella, lá na nossa casa, no Grajaú (*bairro da zona norte do Rio*). É a que gosto mais", contou ele ao *Estado*, na última quarta-feira, em sua casa, em Copacabana, na zona sul do Rio. Amigos, admiradores e fãs (certamente todos os brasileiros) não precisam pensar em presente. "Não pedi nada porque tenho muitas restrições médicas, mas aceito uma flor", completou. "O maior presente da minha vida foi essa moça bonita, Adelaide Tostes, nome de batismo da conhecida cantora Stella Maris, que largou tudo para ficar comigo até hoje."

Dorival Caymmi contou também que não esperava chegar aos 90, pois há dez, quando completou oito décadas de vida, achou que já tinha recebido todas as homenagens possíveis. Mal sabia ele que os filhos discordavam e prepararam mais uma, o disco *Para Caymmi, de Nana, Dori e Danilo*, lançado há um mês e que hoje vira show (com direito a gravação de DVD) no Canecão. "Foi o maior presente que recebi neste aniversário. Meus filhos já cantaram juntos muitas vezes, comigo, com Tom e Vinícius, mas este foi especial, só para mim. E ficou lindo", elogiou o compositor, famoso por não ser dado a jogar confete levemente. "Não sou rigoroso nem fico elogiando tudo e todos. Digo o que sinto de verdade e esse disco me deixou feliz."

Tão feliz que ele até planeja aparecer no Canecão hoje, quando Nana, Dori e Danilo, seus três filhos, e os sambistas cariocas escolhidos a dedo por eles, tocarão os 20 sambas gravados, mais os sucessos que todo mundo exige. "Vou tentar estar lá, pois é uma aventura ter os três filhos juntos aqui no Brasil, no dia do meu aniversário." Stella, sua mulher, não garante, pois espera saber como estará o tempo ("Cada dia está de um jeito, a gente nunca sabe", reclamou ela) e a opinião dos médicos dos dois. Mas Dorival já se adiantou. "Ele (*o médico*) permite que a gente vá e até gosta, acha necessário estarmos presentes com os filhos e os amigos."

Juntar os irmãos em volta do pai foi, segundo Nana Caymmi, o motivo real de se fazer o CD de sambas. "A causa de tudo é a mamãe, que quer Dorivalzinho por perto (*ele mora em Los Angeles*). Então, é preciso arrumar trabalho para ele aqui", brincou Nana quando lançou o disco. Na verdade, não foi fácil, pois as grandes gravadoras não se interessaram pelo projeto. Já os músicos não pensaram duas vezes. "Todo mundo - os técnicos do estúdio, o Zé Milton, meu produtor que nunca foga da raia, e os músicos - correu risco junto."

Por causa do show, o aniversário não será comemorado hoje, em família, embora os Caymmis sejam unidos, quase um clã. Reunir os três filhos,

sete netos e quatro bisnetos em casa é corriqueiro para Stella e Dorival, que se orgulham do tempo em que vivem juntos. "Sessenta e quatro anos", enfatizou ela, antes de chamá-lo e pedir que a conversa seja breve. Quando lançou o disco com músicas do pai, Danilo contou que, apesar de os sambas deles fazerem a trilha sonora da vida de todos nós, pouco são cantados em família. "A gente ouve de tudo nas festas lá em casa. No último Natal, teve até Kelly Key e o papai chegou a dançar."

Os três filhos, todos músicos de sucesso, não negam que o pai foi a maior influência. "Para mim, é vital, porque, ainda criança, esperava ouvi-lo cantar no rádio para dormir", conta Dori. "E os músicos

rival Caymmi. Nana, a mãe de Stella, se envolveu tanto com o livro que, há pelo menos dois anos, vem regravando a obra do pai, discos que são verdadeiros presentes para quem gosta de música. O primeiro CD teve o mesmo nome da biografia e reuniu as canções praieiras. "São músicas feitas quando ele tinha 18, 19 anos. Fiz um paralelo com a biografia de meu pai, pois acompanhei a escrita, página a página. Quando ficou pronta, me deu vontade de gravar todas as músicas dele", disse a cantora, ao lançar o disco. O de sambas está em pleno voo e o show com seu repertório vai também para Salvador e São Paulo. "O próximo será só de samba-canção."

DEPOIMENTOS

Jim Ruymer/Reuters



DANIELA MERCURY - "Caymmi tem a voz do mar grave, sua voz e melodias trouxeram para mim o blues baiano, sua falta de pressa me ensinou a perceber como se deve sentir e cantar uma canção. Sempre impregnado de lamento, ele compôs parte do imaginário da 'Cidade da Bahia'. Ele é cantiga de ninar, é cantiga de rezar, cantiga de rodar e cantiga de sambar. Ele é

bossa e blues. Ele é um dos pais da minha música. Eu cantava *São Salvador* no início da minha carreira, quando fazia o happy hour no restaurante Camafeu de Oxóssi, no Mercado Modelo. Esse lindo samba se misturava com o cheiro do peixe que vinha da rampa do mercado e com a visão dos saveiros atracados ali. Essa é uma Bahia que eu não quero perder de vista. Como a música de Caymmi nunca vai deixar de estar presente em minha vida. Tive a honra de ser convidada pela família Caymmi para gravar a *Oração de Mãe Menininha*, canção imortalizada nas vozes de Gal e Bethânia. Diante do desafio, entreguei-me a esse extraordinário lamento buscando mostrar a emoção do que sinto ao cantá-la. Gosto do resultado e faço dessa oração minha reza cotidiana mais bela. Ouvi Caymmi cantando, por ocasião dos 80 anos de Jorge Amado, numa roda de amigos na Bahia, que Dodô, criador do trio elétrico e seu parceiro no começo de carreira, queria eletrificar um violão para amplificar seu som. E Dodô dizia que era importante furar o violão, mas Caymmi disse muito claramente para ele: "Tudo bem, vá em frente, mas meu violão você não fura!"

Divulgação



JUSSARA SILVEIRA - "A primeira coisa que me vem à cabeça sobre Caymmi é aquilo que Antônio Rísério definiu como 'marítimo'. E o contato íntimo que tive com a obra dele quando gravei meu disco *Canções de Caymmi* (1998), me fez enxergar o Brasil, o que a gente é, nossa porção portuguesa, nosso lado africano. Isso me fez ver também que ele é um dos nossos artistas mais claros, mais ensolarados. Ao mesmo tempo a gente percebe que não precisa recriar, não se deve tentar moderni-

zar Caymmi, porque ele próprio é a recriação daquela Bahia que cantava, que não é exatamente folclórica com suas paisagens de coqueiros, a morena que passa. Ele trouxe para o mundo a realidade do lugar. Lembrome que quando estive com ele por conta da gravação do CD, ele tocou ao violão a valsa *Horas*, que está no meu disco. Embora goste de muitas, acabei elegendo essa canção como minha predileta dele, porque é tão pequena, tem poucos versos, mas fala de tanta coisa..."

Adri Felden/Ag. Argosfoto



ROSA PASSOS - "Caymmi é um referencial fantástico em minha vida, é decisivo na minha forma de compor. Eu credito influência a três compositores: Caymmi, Tom Jobim e Ary Barroso. É redundância salientar que Caymmi é um gênio, um patrimônio da música brasileira. Desde que comecei, sempre gravei uma música dele. Em 2000, gravei *Rosa Passos Canta Caymmi*, pela Lumiar, só com músicas dele. Antes, já tinha gravado outras canções, como *Saudade da Bahia*. Sinceramente, não posso dizer como as novas gerações enxergam hoje o trabalho dele. Tenho viajado muito, quase toda minha carreira está direcionada para o Exterior hoje em dia, e lá eu vejo que a música de interesse imediato, como o axé, é que provoca maior atenção. Mas sei que Caymmi foi fundamental para a geração de Caetano, Gil, João Gilberto, João Bosco, Chico Buarque."

GAL COSTA - "Cresci ouvindo Caymmi, sei cantar tudo o que ele compôs. Ele é um mestre e fala da Bahia como ninguém. A obra toda dele é bonita, genial e inspirada. *Sábado em Copacabana*, que acabo de gravar em meu último disco, me traz lembranças ricas da minha adolescência, mas, em geral, toda a obra dele faz parte da trilha sonora da minha vida. Gravei tantas músicas de Caymmi que fica difícil escolher uma que seja definitiva para mim. Gostaria de gravar *João Valentão*, talvez seja a mais bela música dele. Tem uma extraordinária melodia e uma letra comovente. Dos meus encontros com ele, os que mais me marcaram foram os shows que fizemos juntos. Passávamos dias trabalhando, ensaiando e conversando muito. Caymmi adora contar histórias e como bom baiano adora falar."

Otávio Magalhães/AE



MARIA BETHÂNIA - "Quem ouviu Caymmi uma vez está marcado para sempre. A existência dele é uma bênção, é sagrado. O que mais admiro nele é a qualidade da criação, da composição. A música de Caymmi é linda, tem um pouco de melancolia. Entre as primeiras canções que aprendi a tocar no violão, uma delas foi *O Mar*. Quando me tornei mocinha, passei a gostar mais das canções românticas. Sempre procuro incluir alguma no roteiro dos meus shows. Em *Brasileirinho* tem *João Valentão*. Sei que ele não gosta que ninguém grave suas canções, mas eu gostaria de gravar todas. Só que prefiro Nana Caymmi cantando, porque ela é perfeita. Ela me contou que certa vez, referindo-se a outro intérprete, Dorival disse: 'Não sei por que a gente faz a música se quando vai gravar a pessoa muda tudo.' Uma das que mais gosto é *Coqueiro de Itapoá*, porque está ligada à minha juventude. Adoro seus sambas em geral, e sempre há muito o que descobrir em sua obra. *Maricotinha*, por exemplo, só fui ouvir recentemente, quando gravei."

Tasso Marcelo/AE



QUINDINS, BALANGANDÃS, COQUEIROS E JANGADAS

O compositor fez a mais completa tradução da Bahia, hoje idílica, na música popular – mas acontece que ele não é só baiano, virou universal

LAURO LISBOA GARCIA

São 90 anos de contemplação do século do progresso, que de revolução em revolução deixou para trás uma legião de contemporâneos que nem de longe chegaram à idade dele: Noel Rosa, Assis Valente, Lamartine Babo, Vinicius de Moraes. Dorival Caymmi é o último patriarca vivo da música brasileira. Em 26 anos de vida, Noel deixou mais de 200 composições. Caymmi até agora fez 120. Acontece que ele é baiano.

O mar, histórias de pescadores, receita de vatapá, o samba da terra que deixa a gente mole, os quindins de iaiá, coqueiros e areia de Itapuã, rosas morenas, balangandãs no Bonfim, festas de rua, jangadas que voltam sós, saudações a Iemanjá, 365 igrejas – Caymmi fez a mais completa tradução da Bahia, hoje idílica, na música popular. Coisas de uma singularidade estética que, como diz Risério, “podemos perceber espontaneamente sem necessidade de apelar para o esforço crítico”.

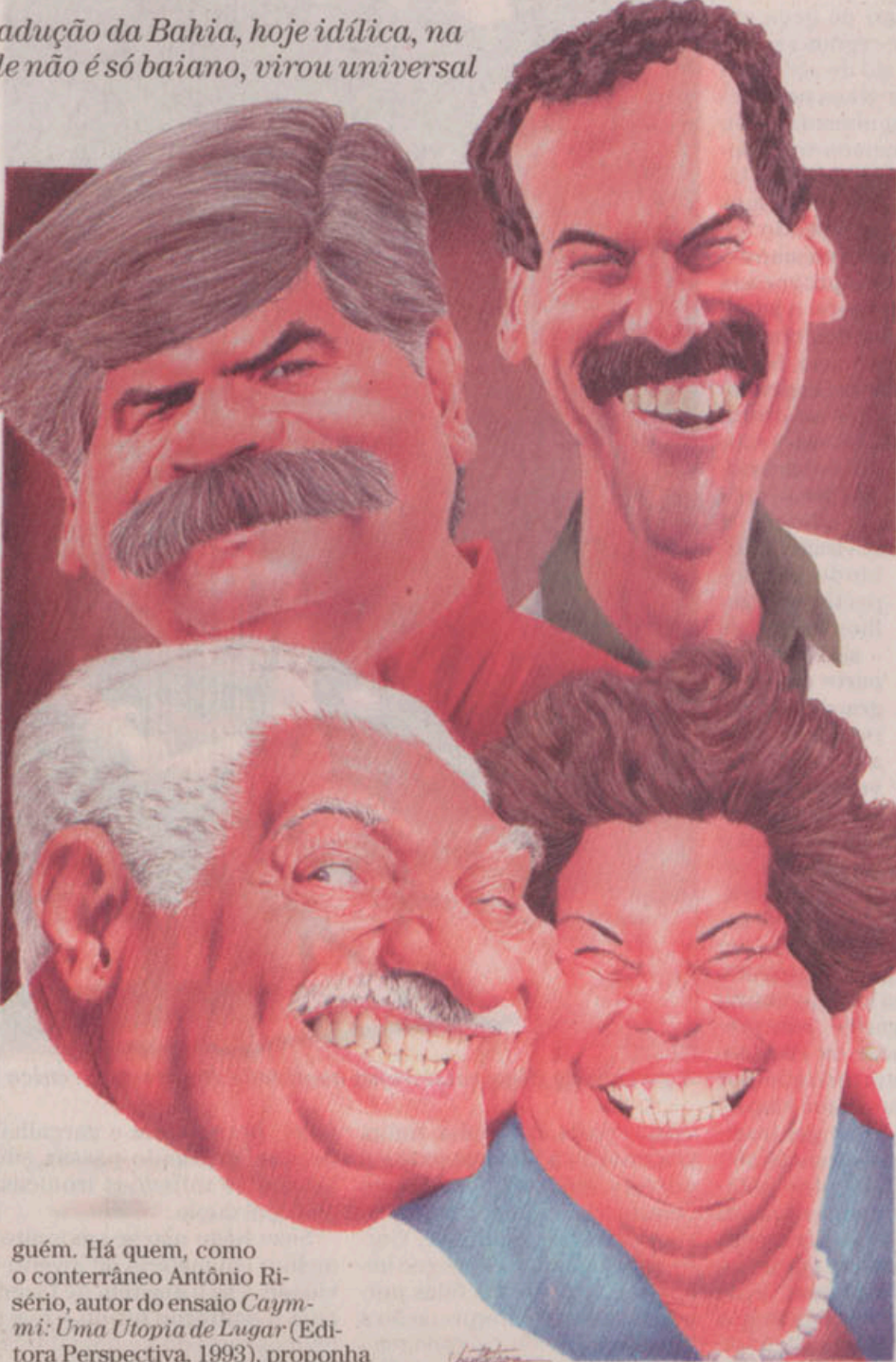
Acontece que ele não é só baiano. De forma universal também cantou o amor cheio de melancolia de forma que só louco amaria. De um jeito brasileiro, distinguiu personagens em solunções inspiradoras, como a tocante *João Valentão* que a todos parece encantar (leia depoimentos nesta página e na anterior).

No livro *Dorival Caymmi: o Mar e o Tempo* (Editora 34, 632 páginas, R\$ 75), de leitura fundamental, escrito pela neta Stella Caymmi, Dorival relata o seguinte: “Eu tinha achado: ‘E assim adormece esse homem, que nunca precisa dormir pra sonhar, porque não há sonho mais lindo que sua terra, não há’. Depois, veio um contestador: ‘Por que não diz sua vida?’. Eu fiquei entre vida e terra muito tempo, na dúvida. Aí achei que terra abrangia melhor, encorpava melhor, adocicava melhor a coisa, o pé na terra. E aí eu elogiava essa terra toda. Pois bem, isso durou nove anos, tempo que não se sentiu. Tempo não é para fazer sofrer. Não precisa armar um esquema para trabalhar em cima dele. Tudo nasce espontaneamente. No meu caso, forçado, em geral, não faço. Estimulado, provocado, não sei fazer.” Dorival é ímpar, já sintetizou Gilberto Gil numa bela ode ao Buda Nagô.

Acontece que ele é de mar. Em 1938, quando desembarcou no Rio de Janeiro, trouxe na bagagem canções incompletas que terminou nas andanças noturnas pelo centro, segundo conta Stella na biografia do avô. *A Preta do Acarájé, O Mar e A Lenda do Abaeté e O Que É Que a Baiana Tem?*, com referências explícitas à origem, estavam entre elas. “Eu ia sentir o cheiro do mar ali na Praça Mauá”, recordou o compositor. A fase de nostalgia rendeu clássicos supremos como *Saudade da Bahia e Peguei um Ita no Norte*.

Ele é o poeta da ginga, expressada em tantos sambas sensuais pelos quais tornou-se precursor da bossa nova. *A Vizinha do Lado* continua aí a mexer as cadeiras para lá e para cá. Quem mais poderia pedir: requebre que eu dou um doce? “Gosto tanto de mulher que quando nasci olhei para trás”, costumava repetir Caymmi nas entrevistas para diversão geral.

Dono de uma obra irretocável, dentro de uma tradição é rigoroso com cada verso, cada sílaba na conversa com a melodia. Tem graça como nin-



guém. Há quem, como o conterrâneo Antônio Risério, autor do ensaio *Caymmi: Uma Utopia de Lugar* (Editora Perspectiva, 1993), proponha combater o mito da espontaneidade em torno da criação de Caymmi. “O coloquialismo caymmiano costuma obscurecer o fato de que Caymmi é um artesão verbal consciente e paciente, como se o coloquialismo não fosse uma questão de estilo, ou como se a ‘espontaneidade’ não fosse uma questão de método. Caymmi, leitor de García Lorca, não levaria às vezes dez anos para compor uma canção. Escreveria um poema por dia. Caymmi é cristalino, coloquial, mas nunca desleixado”, analisa. No caso, bons exemplos em que os versos prosaicos revelam-se extremamente poéticos estão em *Rosa Morena, Dora, Vestido de Bolero*.

Oportunamente, a gravadora EMI relança agora a caixa *Caymmi Amor e Mar*, com sete CDs reunindo todos os álbuns-solo do cantor e compositor na gravadora, além de preciosas faixas-bônus. O melhor é *Caymmi e Seu Violão*, de 1959, a beleza na melhor síntese. Tudo clássico. Bem disse Vinicius de Moraes ao apresentá-lo no histórico show de 1967 na Boate Zum Zum: “Ouçam como é lindo ele cantar sua poesia/ Que melancolia/ Ai, que saudade eu tenho da Bahia.”

O paião com as três crias, de indiscutível talento, Dori, Nana e Danilo: “O tempo não existe para fazer sofrer”, diz o genial criador de *João Valentão*. “Não é preciso armar um esquema para se trabalhar em cima do tempo. Tudo deve nascer espontaneamente. No meu caso, se eu for forçado, em geral não faço nada. Estimulado, provocado, não sei fazer”

QUEM MAIS PODERIA PEDIR: ‘REQUEBRE QUE EU DOU UM DOCE?’

DEPOIMENTOS

CAETANO VELOSO – A importância de Caymmi na minha formação musical é total. Sempre o considere o maior compositor brasileiro. Era o de que eu mais gostava por causa da espontaneidade e daquela impressão de que não faz o menor esforço para compor as canções. Elas acontecem através dele. E pelo fato de ele ter feito uma série de sambas que só um baiano poderia fazer. E que tem a ver com o samba em geral, com o que aconteceu com o samba no Rio e tudo o mais, que tem um pé na raiz pri-



Divulgação



meira baiana do samba. Além daquela violão que é uma mistura de primitivo com impressionista. Gravei algumas músicas dele, mas não considero boa nenhuma interpretação minha. Minha opinião sobre cantar Caymmi é a mesma dele: só ele mesmo. Ou então João Gilberto. São muitas as músicas dele que me remetem a momentos marcantes da minha vida, mas principalmente *João Valentão*. Não por nenhum momento específico, é que me lembra de coisas que vivi na Bahia mesmo.”

LUIZ TATIT – “Caymmi conseguiu entrar na música brasileira adaptando o que fazia com olhar folclórico, como as muitas canções que falavam do mar. Era um tipo de composição que não daria muito certo numa época em que predominava o samba sincopado. Aos poucos, no entanto, ele conseguiu chegar no que se pode chamar de samba samba, aquele em que a letra e a melodia estão na mesma sintonia. *O Que É Que a Baiana Tem?* é um exemplo disso, só que um pouco regular demais. Ele resolve melhor a questão em *Acontece Que Eu Sou Baiano, Samba da Minha Terra, A Vizinha do Lado*, essa que agora toca na trilha da novela *Celebridade*. É um tipo de samba que não é nem canção nem carnavalesco. Do tipo que Geraldo Pereira (*Falsa Baiana*) e Ary Barroso (*Morena Boca de Ouro*) faziam muito bem. É o samba puro, no qual João Gilberto se baseou para criar a batida da bossa nova. Depois, começou a mostrar outras facetas, mais esquisitas. João Valentão, por exemplo, tem uma primeira parte que nada tem a ver com a segunda. Na primeira, ele faz uma espécie de apresentação do que vai acontecer. Caymmi tem várias músicas assim. *Canoeiro* e *Rainha do Mar* são assim. São todas muito interessantes. João Gilberto, Anjos do Inferno e Carmen Miranda deram grandes contribuições à música de Caymmi. Carmen era imbatível, mas ele próprio canta muito bem as músicas dele. Como também toca violão, para acompanhar, faz um contracanto que outros não conseguem.”

Eduardo Nicolau/AE



FILHOS DE PEIXE

Ora emocionados, ora muito bem-humorados, Nana, Dori e Danilo dão seus depoimentos sobre o pai

NANA

“Papai trilhou um caminho próprio na música brasileira, é uma escola de violão. Não tenho muita noção de quanto ele me influenciou. Foram muitos anos ouvindo-o cantar acalantos para mim. Eu decorava tudo. Aos 4 anos, eu já queria aprender a tocar piano por causa disso. É uma coisa que está na gente, é meio caso de polícia. Uma vez briguei com ele por causa do machismo. Foi quando me separei de meu primeiro marido em 1966 (o médico venezuelano Gilberto Paoli), e ele não admitia isso. Falei que não ia voltar para marido nenhum. Só voltou a falar comigo quando fomos cantar na festa dos 40 anos da TV Tupi com vários artistas, entre eles Roberto Carlos, que tinha acabado de gravar *Acalanto* (canção que Caymmi compôs para Nana quando ela nasceu). Ele se virou para mim e perguntou em qual tom eu queria cantar. Ele não gosta que outros cantem errado as músicas dele, letra, melodia. Conosco ele não é mais rígido do que é com os outros. Eu não ‘tô nem aí’, estou pouco me lixando. Já gravei muita coisa dele e vou continuar gravando. Ainda vou ganhar muito dinheiro em cima dele (*risos*). Tem tanta música boa dando sopa e ninguém se interessa, então pegamos nós. Esse é um país de ignorantes, ninguém mais toca nada que preste no rádio. Você não ouve nenhuma música de Caymmi no rádio. Ninguém se interessa por saber quem é o compositor das canções. Por exemplo, *A Vizinha do Lado*, que toca na novela *Celebridade* (tema de Jaqueline, interpretada por Juliana Paes), pouca gente sabe que é dele. Então eu acho que é um grande prazer aproveitar os aniversários dele para gravar discos e fazer shows para mostrar para o público que a música dele está viva. Não gosto de escolher, de rotular qual a melhor canção dele, ou a que mais gosto. A minha história com ele é *Acalanto*.”

DORI

“Toda vez que venho dos Estados Unidos, fico hospedado na casa de papai e mamãe. Por causa da idade, a locomoção para eles é um problema. Gosto muito de ficar perto deles, tenho muito apego, embora Danilo tenha sido sempre o mais próximo de papai. Passo o tempo com eles fazendo cooper do sofá para o banheiro, da cozinha para o quarto (*risos*). Herdei do papai o amor pelo Brasil. Tem uns versos de *João Valentão* que representam bem isso. Sempre repito: *E assim adormece esse homem/ Que nunca precisa dormir pra sonhar/ Porque não há sonho mais lindo/ Do que sua terra, não há*. Sempre choro quando canto isso. Essa é uma das melhores lições que ele passou para mim. Ele nunca foi ambicioso com a fama, com poder. É um artista de luz própria, nunca precisou disso. Até hoje fica revoltado com as desigualdades sociais absurdas que vemos. Papai tem um amor pela pátria que a maioria não tem. Os brasileiros imitam tanto os americanos e a única coisa boa que eles têm, que é ser patriota, nós não tomamos como exemplo. Isso também herdei dele. Não tenho bens, não tenho apego material, prefiro o silêncio, a natureza, menos gente. Com a idade vou perdendo a revolta, porque desisti de acreditar que esse país tem jeito. Não adianta PT nem nada, o defeito é do sistema. Quando eu era rapaz sempre acompanhei meu pai nos shows, inclusive carregava o violão dele. Conheci Di Cavalcanti, Ziraldo, Millôr Fernandes, Jorge Amado (que depois foi meu parceiro) nas andanças com ele. Aprendi muito com essa geração. Não tinha essa superestrutura de rock-and-roll que se tem hoje. Tudo agora gira em torno de muito dinheiro, é uma orgia de ganância nas gravações, nas promoções. Papai me ensinou o lado da modéstia. Sempre que olhava para ele via o mar, as histórias de Iemanjá, do pescador artesanal. Hoje até isso é uma esculhambação. Ele tinha a visão poética das coisas. Minhas canções prediletas dele são as canções praieiras. Tanto é que gravei um disco só com elas (*Tome Conta de Meu Filho Que Eu Também Já Fui do Mar*, de 1996).”

DANILO

“Como cantor sempre procurei ouvi-lo, observar expressões corporais, procurei sempre conversar com ele sobre isso. De todas as suas canções prefiro os sambas impregnados de sensualidade. Uma vez ele me disse: ‘Cante para as mulheres, porque são elas que levam os maridos aos shows.’ Papai tem um repertório atemporal. Tanto é que *A Vizinha do Lado* está aí, viva na televisão e ninguém diz que essa música tem quase 60 anos. Quisera eu chegar aos 90 anos com essa performance ativa. Isso coroa muito a vida de um compositor. Depois do sucesso, o reconhecimento, quando hoje pouca gente se dá conta do autor das músicas que ouve. Tive o prazer de ver papai compor *Maracangalha*, quando morávamos em São Paulo. Era um samba de meio de ano que depois estourou no carnaval. Acompanhei todo o processo dela, assim como o de *Oração de Mãe Menininha*. Essas ele não demorou muito tempo, mas outras levava sete anos para concluir. Dependia de seu temperamento. Ele é muito contemplativo e vive bem por isso. Usa o tempo de maneira racional tanto para a vida quanto para a feitura das músicas. Ele odeia a palavra estresse.”

NÃO DEIXE DE OUVIR

Quase tudo o que se precisa para se iniciar na obra de Dorival Caymmi está na caixa *Caymmi Amor e Mar*. Ali estão desde seu primeiro LP, de 1954, *Canções Praieiras*, em que se acompanha ao violão, e dois de seus melhores álbuns, *Caymmi e Seu Violão* (1959) e *Eu não Tenho Onde Morar* (1960). Ao lado dos filhos Nana, Dori e Danilo, Caymmi aparece nos álbuns de regravações de 1986 e 1987. Como bônus de luxo, entram faixas extraídas de discos de 78 RPM dos anos 30, 40 e 50. É consenso que ninguém canta melhor suas músicas do que ele próprio. No entanto, vale a pena atentar para as interpretações de Carmen Miranda e João Gilberto em outros discos. *Vinicius/Caymmi no Zum* (com o Quarteto em Cy e o conjunto de Oscar Castro Neves), relançado em CD pela Universal, é outro clássico imprescindível. Conterrâneas do mestre, Jussara Silveira (*Canções de Caymmi*, 1998), Gal Costa (*Gal Canta Caymmi*, 1976) e Rosa Passos (*Canta Caymmi*, 2000) também fizeram grandes discos com seu cancionário, baianamente serenas. *O Mar e o Tempo* (2000), de Nana Caymmi, e o recente *Para Caymmi, de Nana, Dori e Danilo – 90 Anos* são complementos estimulantes. Certa vez, um crítico disse que em matéria de Luiz Gonzaga só não recomendava o filho, referindo-se a Gonzaguinha. Não é o caso de Caymmi: até isso ele fez com ninguém para honrar sua linhagem. (L.L.G.)

